

Prefácio

Francisco Soares*

É cuidada e marcadamente de referência artística (musical) a estruturação desta obra. O cuidado posto na sequência por movimentos acompanha-se pela coerência temática. Uma coerência consciente da variedade, concentrada por isso nas relações dinâmicas que organizam e desorganizam as leituras de obras onde se desenrola o combate criativo entre as memórias conflituantes e os projetos de futuro. As obras de Mia Couto, Uanhenga Xitu e dos escritores equato-guineenses aqui estudados estão no cerne do furacão da contemporaneidade, com essa consciência da raiz que teima em captar a seiva original e da folha que se sacia das águas imateriais do ser volante e navegante, aliás, circum-navegante. O que as diversas leituras feitas sobre elas mostram, exercitando justamente a sua multiplicidade referencial e identitária.

Durante algum tempo, a maioria dos estudos (universitários e afins) que surgiam sobre as literaturas africanas em língua portuguesa eram redutores. Não só ideologicamente redutores, mas muito limitados no discernimento crítico, alheios a desenvolvimentos teóricos ou à pesquisa das implicações teórico-metodológicas da leitura das literaturas africanas, como também avessos à interação criativa entre novas correntes filosóficas, artísticas ou científicas e o estudo da literatura.

Pouco a pouco se foram ultrapassando esses e outros limites, que felizmente não marcaram todos os estudiosos universitários lusófonos, mesmo nos anos 1970 e princípios de 1980. Uma nova geração vem surgindo e afirmando-se nas cada vez mais variadas academias. Assim, ficamos gratificados todos os que no início se viram praticamente isolados, quando queriam dar ao estudo das literaturas africanas a dignidade, atualidade e exigência que a sua complexidade nos pede.

Quando hoje alguns de nós partimos para estudos mais variados e talvez mais-ousados, começamos a perceber relações sugestivas entre, por exemplo: as teorias do corpo poético e sua profunda relação com várias tradições africanas; a interdisciplinaridade artística nas oraturas e nas literaturas africanas atuais; as poéticas digitais, a ciberliteratura, o ciberativismo, a poesia visual – avanços artísticos e tecnológicos que é produtivo relacionar com tradições para-coloniais e cuja relação vem sendo feita pela escrita, pela dança, pela performance, pela escultura urbana etc.; a extensão e o inusitado de certas teias intertextuais e de alguns miticismos (urbanos também, que as nossas literaturas são principalmente as da cidade); a percepção pós-moderna do pós-colonialismo; os novos tratamentos dados às questões identitárias – vistas agora como reportando identidades múltiplas, dinâmicas e mesmo contraditórias; a percepção mais alargada e criativa do papel e do lugar da língua ou da

* Professor Titular da Universidade Katyavala Bwila (Benguela, Angola). Professor Associado com Agregação da Universidade de Évora (Portugal).

linguagem nas nossas literaturas – articulado à sua função geral nos processos criativos.

Estes, entre outros temas possíveis, começam a ser também objeto de estudo por parte de novas gerações, de que temos na presente publicação excelentes exemplos. De maneira que estamos juntos, estamos a caminhar juntos, mesmo sem nos conhecermos, estamos a perceber que vias é mais produtivo seguir e a coincidência nos dá uma segurança maior – uma segurança sem empobrecimento.

Sentimo-nos, portanto, acompanhados e, mais do que, percebemos com agrado que estamos a passar o testemunho. A partir de agora, sem que nós deixemos de caminhar em frente abrindo os olhos ao que não sabíamos, cada vez mais serão estas novas gerações a levar avante a bandeira do rigor, da qualidade e da inovação nos estudos sobre literaturas africanas e nos estudos literários africanos. Como talvez dissesse algum escritor angolano anglófono: *God bless you, África*. E porque não?

Angola-Benguela, 2 de julho de 2011.